

“Ninguém pode antecipar a potência de um encontro.” [Comitê Invisível]

O projeto de curadoria educativa proposto para a Trienal Frestas 2017 tem como premissa inicial estabelecer possibilitar o surgimento de espaços de encontros entre a exposição e os diversos públicos que frequentam os Sesc. Para que isso se efetive lança mão de estratégias diversas resvaladas por ações educativas e artísticas e seus possíveis atravessamentos e deslocamentos, desde o encontro entre educador, grupo escolar e exposição, passando pelo encontro de alguém com a exposição, até atividades específicas nas quais as perspectivas de encontro surgem como potência criativa.

Como encontro entendemos o ato de **chegar um diante do outro** ou uns diante dos outros, uma **junção de pessoas** que se movem em vários sentidos ou se dirigem para o mesmo ponto, **embate, encontrão, confluência, conjuntura, lance**.

Os encontros partem do princípio de que a educação se dá **através de trocas de afeto**, como lembra a artista e educadora Mônica Hoff: “Em suas teorias pedagógicas, o educador Paulo Freire defendia que a alfabetização, e portanto o processo de produção de conhecimento, se dá efetivamente quando nos toca afetivamente, despertando dessa forma **processos emancipados de relação com o mundo**, uma vez que o que nos toca primeiro como indivíduos, de uma maneira **singular** e, muitas vezes, **irregular**.”¹

Quando dois corpos distintos posicionam-se **frente a frente**, cada um vem carregado do que se é, incluindo como vemos o outro a partir de nossas experiências, pensamentos, convicções, etc. Entretanto há uma brecha, um espaço, uma fresta que se estabelece, separa e une. Essa fresta é o **espaço de encontro**, no qual um fluxo de informações e trocas vai se formar, possibilitando o surgimento de diálogos, embates, conflitos. Enfim, possibilidades diversas de aprendizagem. Denomino essa prática conduzida pela expectativa do encontro, de **Pedagogia caníbal**; esse programa educativo está justamente empenhado em descobrir o que pode surgir e se potencializar a partir desses momentos.

Nesse processo, a figura do educador reivindica o lugar de quem possibilita a troca, o olho no olho, o espaço entre. “Em se tratando dos intermediários não há mistério algum, pois o que entra prediz perfeitamente o que sai: não estará no efeito nada que já não tenha estado na causa. [...] Para os

¹Mônica Hoff | Notas para a construção de teorias refutáveis, pedagogias sem importância e escolas de garagem ou: um bom nome para o amor | Fábrica de Conocimiento | Escuela de Garaje

mediadores, a situação é outra: as causas não pressupõem os efeitos porque propiciam apenas ocasiões, circunstâncias e precedentes. Em resultado, muitas coisas **estranhas** podem surgir de permeio".²

Busco aqui **imaginar** situações específicas dentro dos espaços destinados ao processo de aprendizagem a partir da cultura e da arte, pensando nos vínculos que podem se constituir entre instituição, curadores, artistas, educadores, alunos, funcionários, e a nuance mais abrangente de público que frequente esse lugar.

Essas situações surgem e são assentados em algumas proposições de encontro que, inicialmente, dadas podem e devem ser transformadas, esgarçadas, dobradas, esticadas, retorcidas a partir do momento que os educadores entrem em contato com elas e passem a se perceber como autores de suas ações, que encontrem sua própria voz a partir de suas vivências e aprendizados e sejam capazes de:

- . investigar a recepção da obra de arte através de uma atitude performática e convidar o público a participação
- . transformar processos pedagógicos em processos artísticos e vice-versa a partir da colaboração e diálogo
- . entrelaçar conteúdos surgidos nas conversas com o público
- . propor situações nas quais o público assuma um papel ativo e propositivo
- . criar espaços para que o público faça conexões entre suas experiências e a dos artistas
- . proporcionar espaços de aprendizado criativos e imaginativos

Como componente da atuação do educador está embaralhar as concepções de arte e educação, entre não saber e aprender. "Na verdade, estou interessado na pedagogia desde que fui estudante e vítima, particularmente no campo descuidado da pedagogia aplicada à arte. A pedagogia da arte é importante para mim porque **não vejo muita diferença entre arte e educação**, pelo menos não dentro das definições que dou a ambas. Dada a divisão em disciplinas nas quais fragmentamos o conhecimento, creio que a ordem em que menciono arte primeiro e educação depois, tem certa importância. De acordo com essa ordem abre-se a possibilidade para uma inclua a outra e tenhamos que escolher qual queremos que absorva qual."³

Algumas ações previstas para criar um curso por onde o público possa explorar as brechas surgidas pelos encontros propostos:

Secs Escola

Partindo do projeto que já existe e contempla as escolas da região, artistas e educadores são convidados a pensar atividades como formas de integrar as propostas artísticas e educativas da Trienal com o cotidiano escolar.

Publicação educativa

O material educativo, pensado e produzido especialmente para professores trabalharem com seus alunos em sala de aula, parte também das possibilidade de aprender a partir do encontro com o outro e da exploração dos interstícios surgidos na reflexão sobre o espaço escolar a partir da experiência e vivência de alunos e professores

Espaço Educativo

Configura-se como um espaço de criação e imaginação, de produção em artes visuais, mas, inclui na programa de oficinas e cursos outras possibilidades: rodas de conversa, momentos de leitura e escrita, produção gráfica, caminhadas, culinária, experiências sonoras.

² Bruno Latour | Reagregando o social

³ Luiz Camnitzer | Arte y Pedagogía | <http://esferapublica.org/nfblog/arte-y-pedagogia/>

Composto por três ambientes:

cozinha

espaço para encontros no qual a culinária entra como troca de saberes e a possível relação afetiva com o ato de comer

gráfica e biblioteca

espaço multiuso com redes e esteiras para o público descansar, pesquisar, desacelerar e até criar um espaço de silêncio. Composto por um computador com uma biblioteca de física e outra de PDFs, com material de estudo e formação dos educadores, assim como as pesquisas e registro do dia-a-dia deles e materiais sobre os artistas da exposição e outros assuntos do universo do tema da exposição em computadores conectados a impressoras. Uma máquina de xerox. Materiais para estêncil. Essa gráfica poderia ser utilizada nas visitas com escolas, mas, principalmente, com o público espontâneo que visita a exposição, que pode interessar-se pelos processos de trabalho dos artistas e dos educadores e quiser levar algo para ler ou deixar algo para esse espaço.

“Para aprender, é **necessário desacelerar**. Sair do ritmo urbano e se colocar, como todo o corpo, à mercê de **outras lógicas do tempo**, dos **intercâmbios pessoais** e **afetivos**, do que ocorre como possibilidade quando um plano pré-desenhado falhar ou - afortunadamente - não se cumprir como previsto.”⁴

“**É preciso aprender a resistir**. Nem ir, nem ficar, aprender a resistir. (...) Resistir: quanto em resistir é aceitar impávido a desgraça, transigir com a destruição, cotidiana, tolerar a ruína dos próximos? Resistir será aguentar em pé a ruínas dos outros, e até quando, até que as pernas próprias desabem? Resistir será lutar apesar da óbvia derrota, gritar apesar da rouquidão voz, agir apesar da rouquidão da vontade? É preciso aprender a resistir, mas resistir nunca será se entregar a uma sorte já lançada, nunca será se curvar a um futuro inevitável. **Quanto do aprender a resistir não será aprender a perguntar-se?**”⁵

Resistência é ainda hoje manter um programa educativo em uma instituição cultural, na qual grande parte do seu público é formado de estudantes e professores, com programas diversificados que atuam numa espécie de intercâmbio, onde a escola recebe o artista, a instituição recebe a escola, que também leva para a escola proposições de imaginar outras possíveis escolas a partir de assuntos e conceitos abordados na exposição.

Agindo em consonância com as possibilidades de experimentação na arte, a educação pode ter um poder transformador, talvez não exatamente de uma sociedade de maneira permanente, mas no sujeito político que é o aluno, que é o professor.

Em pleno ano de 2017, em que leis de educação são alteradas sem consulta a comunidade escolar, orçamento da cultura são congelados, cortados, extintos, ver que estudantes de todo o Brasil não se contentam em ter seus destinos traçados pelo Estado e se levantam em resistência a essas imposições é ter a certeza de que aprender a questionar, aprender a perguntar será o motor para outros possíveis estar no mundo.

⁴ Sofia Olascoaga | Desaprender, perguntar-se, escutar: uma pedagogia da incerteza? | Dias de Estudo | Incerteza Viva | 32ª Bienal de São Paulo

⁵ Julián Fuks | A resistência